

REFLEXÕES SOBRE O GÉNERO EM PORTUGUÊS EUROPEU E EM TÉTUM

Celda Morgado Choupina (*)

celda@ese.ipp.pt

Escola Superior de Educação do IPPorto

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto
(Portugal)*

RESUMO. O género em Português Europeu é uma categoria morfológica e lexical mas também morfossintática, marcada por diversos processos. Enquanto categoria morfossintática, todos os nomes têm um género (Câmara 1970), o qual permite a concordância das palavras na frase. Assim, a marcação do género nos nomes é obrigatória e o seu tratamento prende-se com duas questões nucleares: (i) a não correlação das noções de género e sexo; (ii) a diversidade de processos para expressar o género, não sendo, em caso algum, por flexão nominal (Villalva 2000). O adjetivo concorda com o nome com o qual se relaciona, variando o género, sempre que a forma o permite, segundo as propriedades do nome. Em Tétum, o género parece não ser uma categoria morfossintática e mostra estar correlacionado com a noção de sexo, sendo que apenas é marcado no caso dos nomes de seres animados. Nos restantes nomes, não há variação de género e os adjetivos são igualmente invariáveis quanto ao género. No presente artigo reflete-se sobre a categoria género nos nomes e nos adjetivos, na perspetiva da linguística comparada entre o PE e o Tétum. Assim, pretendemos evidenciar as marcas específicas da formação do género nas duas classes em análise e nas duas línguas, realçando-se as semelhanças e as diferenças.

PALAVRAS-CHAVE. noções de sexo e género; marcação de género; processos de marcação do género; género gramatical; género natural.

ABSTRACT. In European Portuguese, gender is a morphological and lexical category as well as a morphosyntactic one marked by several processes. As a morphosyntactic category, all names have a gender (Chambers 1970), which allows the concordance of words in the sentence. Therefore, the marking of gender in names is required and its treatment is related to two essential issues: (i) the non-correlation of gender and sex notions, (ii) the diversity of processes to express gender, which in any circumstances is by noun inflection (Villalba 2000). The adjective agrees with the name that is connected to, and whenever the form allows, the gender varies according to the properties of the name. In Tetum language, the gender seems not to be a morphosyntactic category and it shows to be correlated with the notion of sex, being only marked for the names of animate beings. In all other names, there is no variation of gender and the adjectives are also invariant as to gender. In the present issue we discuss about the gender category in names and adjectives, in the perspective of comparative linguistics between EP and Tetum language. Thus, we intend to point out the specific marks in gender formation regarding the two classes under analysis and in both languages, highlighting the similarities and differences.

KEY-WORDS. notions of sex and gender; gender marking; processes of gender marking; grammatical gender; natural gender.

* Estudante do 3^a ano do Curso de Doutoramento em Linguística (FLUP).

1 - Introdução

No presente artigo¹ não se pretende apresentar um estudo exaustivo do género em Português e em Tétum, mas sim fazer uma breve abordagem descritiva ao tema, de forma a evidenciar as semelhanças e as diferenças existentes entre as duas línguas.

O género, em português, é uma categoria presente em várias classes de palavras, entre elas os nomes, os adjetivos, os determinantes, os pronomes e os numerais, manifestada por uma oposição privativa (masculino, feminino), em que o masculino é o termo não-marcado, e realizada ao nível sintático. Segundo Dante Lucchesi,

«as categorias gramaticais de número e género [em Português] associam-se, no plano semântico-lexical, essencialmente ao nome e se estendem, no plano sintático, através do mecanismo da concordância, aos termos que lhe determinam o sentido: o artigo, o adjetivo, o pronome e o numeral.»

Lucchesi (2003: 430)

No entanto, para uma caracterização atualizada de género, convém refletir sobre três aspetos que operam diferentemente nas línguas do mundo: (i) aceitação do contraste de género; (ii) correlação das noções de género e sexo; (iii) diferentes processos de marcar o género. Nem todas as línguas se comportam da mesma forma em relação a estes parâmetros.

No Português Europeu, nem todos os nomes admitem contraste de género, mas todos têm um género – o denominado género sintático (Câmara 1985) ou género implícito (Botelho 2004).

- (1) casa, indivíduo, pessoa, livro, mente, pá
- (2) *caso/ *o casa/ *um casa... vs a casa / uma casa

Nestes casos, o género não se identifica com o sexo biológico, tratando-se de uma propriedade lexical com repercussões sintáticas é por conseguinte sintático, permitindo a concordância das palavras nos sintagmas e nas frases, (3). Na ótica de Hockett, “genders are classes of nouns reflected in the behavior of associated words” (Hockett 1958: 231, citado por Corbett 1991).

- (3) A casa branca da praia está na minha memória.

¹ O presente artigo constitui uma versão reduzida e revista da comunicação intitulada “O género em Português Europeu e em Tétum: reflexões para uma didática do PL2 em Timor-Leste.”, apresentada ao III SIMELP, Macau, 30 de agosto a 2 de setembro de 2011.

Matoso Câmara (1969) já descrevia o género como determinado pelo artigo, explícito ou não, “em outros termos, a flexão nominal, quando aparece, reforça apenas a expressão de uma categoria gramatical latente, que, mesmo sem essa flexão, se manifesta pela forma do artigo definido que o vocábulo nominal exige” (Matoso Câmara 1969: 64).

Sendo assim, o género é uma categoria arbitrária e, por isso, não estabelece uma correlação com a noção de sexo. Mesmo havendo casos em que o contraste de índice temático corresponde a um contraste de sexo (4), há outros em que tal não ocorre, (5) e (6).

- (4) O/A menino(a) vai à escola.
- (5) o/um/*a/*uma mulherão
- (6) a/*o testemunha; a/*o vítima; o/*a indivíduo

Assim, em (5) uma forma masculina indica uma entidade do sexo feminino, como se mostra pela agramaticalidade de *a/*uma mulherão. Por outro lado, em (6) uma mesma forma recobre os dois sexos (nomes sobrecomuns), ainda que mantenha o mesmo género gramatical. Concluindo, género e sexo não têm, em línguas como o Português, uma relação intrínseca entre si. Nesta perspetiva, discordamos de Lucchesi (2003), quando afirma que

«no subconjunto do léxico que contém as designações dos seres animados, o género gramatical acompanha geralmente o chamado género natural, verificando-se aí uma correlação geral e consistente com o significado.»

Lucchesi (2003: 431)

Na nossa ótica, entendemos não haver correlação, contudo esta relação pode até existir nalguns nomes, porém nunca como aspeto primordial. Se fizermos uma pequena pesquisa sobre os nomes que trazem em si uma noção de sexo, veremos que a percentagem é mínima e que, portanto, deveriam ser considerados como exceção e não como regra:

“o género gramatical é um critério puramente linguístico [...] o género biológico é o sexo, categoria linguisticamente facultativa, dependendo da comunicação.”

Luft 1987

Outro aspeto a considerar, no estudo do género, é o carácter diferenciado que se deve atribuir à categoria género nos nomes e nos adjetivos. Autores há que consideram, como Matoso Câmara (1969), que nos nomes o género é lexical e mais ligado à derivação, enquanto nos adjetivos há flexão em género.

Na evolução das línguas, o género demonstra ser uma categoria arbitrária do ponto de vista referencial e totalmente convencional, como os exemplos em (7) evidenciam. Corbett (1991:

1), na introdução do seu livro *Gender*, considera o género como “the most puzzling of grammatical categories”.

(7)

Latim	Português	Outras línguas românicas
pons (m.)	a ponte	il ponte (it.) le pont (fr.)
mare (n.)	o mar	la mer (fr.)
ars (m.)	a arte	el arte (esp.)

(Adaptado de
Costa & Choupina 2011)

No Latim, existia uma categorização tripartida, masculino, feminino e neutro; enquanto em algumas das línguas românicas derivadas se mantêm apenas duas, masculino e feminino. No entanto, os padrões variam conforme a filiação das línguas. Grasserie (1898: 614-615), citado por Corbett (1991: 30), propõe, baseado em um grande número de línguas, oito tipos: animado/não animado; racional/não racional; humano/não humano; macho humano/outro; forte/fraco; aumentativo/diminutivo; macho/outro; masculino/feminino/não sexuado.

Em Tétum, o género parece estar associado a sexo, mas também aos traços semânticos de animado/não animado; humano/não humano, dado que apenas se marca o género quando se pretende evidenciar o sexo do ser (humano ou animal). Para expressar o sexo nos seres humanos usam-se os termos mane (masculino) ou feto (feminino) e para marcar o sexo dos animais usam-se aman (macho/pai) ou inan (fêmea), pospostos ao nome do ser, (8) e (9). Os referentes não sexuados não têm qualquer marcação (10).

(8) Labarik mane/labarik feto (Costa 2001: 22)

Rapaz ou menino/rapariga ou menina

(9) Kuda/kuda inan (Costa 2001: 23)

cavalo/égua

(10) livru, du'uk, fatuk (Costa 2001: 23)

livro, erva, pedra

2. O género em Português Europeu (PE) e em Tétum

2.1. O género nos nomes em PE

Como já se disse na Introdução, o contraste de género no PE envolve variados processos e, por isso, é incorreto falar-se em flexão nos nomes. Herculano de Carvalho lembra que o substantivo apresenta “flexão de número, mas não de género” (Carvalho 1974: 601).

«No português são [...] palavras flexionadas o substantivo (com flexão de número, mas não de género), o adjectivo (incluindo o participio em função adnominal) e com este quase todos os pronomes, o artigo e os numerais ordinais (com flexão de género e número), uma parte dos numerais cardinais (com variação de género) e finalmente o verbo.»

Carvalho (1974: 601).

Este facto foi já notado no português antigo, como indica Joseph Huber “A flexão do substantivo reduz-se, portanto, unicamente à formação do plural” (Huber 1933: 167). Mais recentemente, Villalva (2000, 2003) sustenta que a flexão é um processo “que se caracteriza pela sua obrigatoriedade e sistematicidade” (Villalva 2003: 926), o que não ocorre na categoria nome. No entanto, como anteriormente se referiu, embora todos os nomes tenham um género, nem todos admitem contraste de género. A este propósito afirma Villalva (2000):

«Com efeito, contrariamente aos adjectivos, todos os nomes recebem uma especificação de género, quer possam, quer não possam participar em contrastes de género, distinção que também não é previsível, dado que não coincide com a distinção estabelecida pelo traço [+/- animado].»

Villalva (2000: 2429)

Nos casos em que os contrastes de género se manifestam, a sua realização não é homogénea. Vários são os processos referenciados por gramáticos e linguistas para marcar o contraste de género em PE: (i) contraste de índice temático (11a); (ii) alternância fonológica (11b); (iii) redução da forma masculina (11c); (iv) contraste lexical (11d); (v) derivação (11e); (vi) composição (11f) e (vii) processos sintáticos (11g), em particular a concordância. Tentaremos uma breve descrição de cada processo, problematizando o contraste de género e a correlação (ou não) das noções de género e sexo.

- (11) a) menino/menina
b) avô/avó
c) irmão/irmã
d) homem/mulher
e) barão/baronesa
f) águia-macho/ águia- fêmea
g) o cliente/a cliente

Contraste de índice temático (-o/-a; Ø/-a)

Ainda que não seja uma regra geral, existem nomes que formam o contraste de género pela alternância de tema em –o para o masculino e tema em –a para o feminino, (12). Outros nomes formam o contraste masculino/feminino pela alternância tema Ø/ tema –a, respetivamente, (13).

- (12) gato/gata; menino/menina
(13) cantor /cantora; senhor/senhora

À luz dos exemplos (12), poderíamos ser levados a pensar que todos os nomes de tema em –o fossem de género masculino e os de tema em –a fossem femininos. No entanto, há nomes femininos terminados em –o, como em (14), e nomes masculinos terminados em –a, (15).

- (14) a tribo; a libido; a foto; a moto
(15) o poema; o cometa; o cinema; o mapa; o clima; o grama; o fonema; o pirata

Repare-se que foto e moto (14) são formados por truncação (truncamento), um dos processos não morfológicos de formação de palavras no português. O que estes exemplos comprovam é que é possível formar nomes femininos terminados em –o porque o processo está já disponível e atestado na língua.

A oposição –o/-a pode, por outro lado, envolver contrastes lexicais e não de género, como em (16) e (17), sendo que barco/barca têm o mesmo radical e ovo/ova resultam de radicais diferentes.

- (16) barco/barca
(17) ovo/ova

Por outro lado, o contraste de índice temático \emptyset /-a pode também envolver contrastes lexicais, tendo inclusive o mesmo radical, como ilustrado em (18). Este contraste acaba por gerar nomes de subclasses diferentes: nome comum e nome coletivo, no exemplo.

- (18) flor (\emptyset)/flora (-a)

Acresce ainda que vários são os nomes que terminam em vogal –e e podem ser ou femininos (19) ou masculinos (20).

- (19) a parede; a tempestade
(20) o cabide; o balde; o elefante

Alternância fonológica

Formas atemáticas como (21) formam o contraste de género pelo grau de abertura da vogal, [o] para o masculino e [ɔ] para o feminino.

- (21) avô/avó

Redução da forma do masculino

Outro dos processos que permite formar o contraste de género nos nomes é a redução da forma do masculino. Nomes terminados em ditongo [ẽw] e [ɛw] podem, entre outros processos, formar o feminino pelo contraste com vogal, [ẽ] e [ɛ] respetivamente, (22) e (23).

- (22) órfão/órfã; anão/anã; irmão/irmã; campeão/campeã
- (23) réu/ré

Contraste lexical

O contraste lexical é um processo muito produtivo no PE, quer para nomes que referenciam seres humanos (24), quer para os que referenciam seres animais não humanos (25).

- (24) homem/mulher; cavalheiro/dama; marido/mulher; genro/nora; pai/mãe
- (25) boi/vaca; zângão/abelha; cavalo/égua; carneiro/ovelha; bode/cabra

Nestes pares temos oposições ao nível da referência semântica, não se tratando, portanto, de contraste de género, pois verifica-se heteronímia de radicais e os vocábulos apresentam sempre o mesmo género: homem é do género masculino e mulher do género feminino. Neste sentido, poderiam ser considerados nomes sem contraste de género enquanto categoria gramatical, ou seja, palavras que não variam. Veja-se a agramaticalidade dos exemplos (26) e (27).

- (26) o/*a homem; a/*o mulher
- (27) o/*a boi; a/*o vaca

Estes termos relacionam-se apenas por identidade / semelhança semântica, tratando-se pois de um processo analítico de oposição. Por outro lado, se relacionarmos as formas mulher e mulherão, verificamos que existe variação em género gramatical a partir do mesmo radical, sem mudar o género biológico, o que reforça a autonomia de género gramatical entre homem e mulher e a ideia de oposição ao nível da referência semântica.

Derivação

Um outro processo muito produtivo em PE é o contraste por acrescento de morfema derivacional. O morfema derivacional pode ser afixado ao feminino (28), a ambas as formas (29) ou apenas ao masculino (30).

- (28) galo/galinha; conde/condessa

- (29) actor/actriz; imperador/imperatriz
(30) perdigão/perdiz

Processos sintáticos

Como se tem vindo a mostrar, o género é uma categoria obrigatória nos nomes, em PE, mas nem todos os nomes admitem contraste de género. Alguns nomes aceitam o contraste de género apenas pela alternância de artigo, os denominados comuns de dois. É, portanto, pela estrutura sintática que o género é marcado (Câmara 1970), entre estes nomes temos os ilustrados em (31).

- (31) o/a dentista; o/a cliente; o/a colega; o/a jovem; o/a artista

De notar que a alternância do artigo, em certos casos, acarreta um contraste lexical, gerando nomes de subclasses diferentes, como em (32).

- (32) o polícia/a polícia

Composição

Tradicionalmente, considera-se a composição como um processo de marcação do contraste de género em alguns nomes de animais (nomes epicenos). Na esteira de Choupina e Costa (2011), consideramos que, nestes casos, a variação que ocorre é de sexo e não de género, dado que, por um lado, não há alteração do género da palavra (33) e (34), e, por outro, apenas se usa macho ou fêmea quando se pretende especificar o sexo do animal.

- (33) o crocodilo – macho/*a crocodilo - fêmea
(34) *o barata – macho/a barata - fêmea

Em conclusão, a não-obrigatoriedade de existência de contrastes de género e o facto de a sua realização estar a cargo, quer de diversos processos fonológicos e morfológicos, como o contraste de índices temáticos e a derivação, quer sintáticos, são propriedades que distinguem claramente o género das restantes categorias morfossintáticas disponíveis no português, e que justificam a sua análise como uma categoria não flexional. Consideramos, assim, que o PE é uma língua em que não existe correlação entre as noções de género e sexo, pelo que é útil associar o género à estrutura sintática e à concordância. Desta forma, todos os nomes têm um género, o género concebido como noção sintática.

2.2. O género nos nomes em Tétum

Em Tétum não há determinantes artigos definidos nem indefinidos. A definitude é dada, aproximadamente, por *ne'e* (marcador anafórico) e a indefinitude por *ida* (que é também o numeral). É também uma língua sem flexão nominal nem verbal. As categorias como número e género, nos nomes, tempo, aspeto, pessoa e número, nos verbos, são expressas por composição, maioritariamente.

Autores há que afirmam que o Tétum não tem variação de género – “[os substantivos] são invariáveis em género e número.” (Costa 2001:22). No entanto, à luz das considerações anteriores, é importante distinguir as noções de variação e marcação, género e sexo.

Nos seres inanimados não há marcação de sexo, nem no nome nem no adjetivo, como em (34) e (35).

(34) Didin mutin fo'es².

A parede branca está suja

(35) Balde mutin fo'es.

O balde branco está sujo.

Em Tétum, com nomes que referenciam seres humanos, há contraste de sexo:

- (i) alguns nomes referem-se concretamente a seres do sexo masculino, como (36) e para o correspondente feminino acrescenta-se o nome *feto* (37).

(36) *liurai* (rei), *na'i* (senhor), *soldadu* (soldado)

(37) *liurai-feto* (rainha), *na'i-feto* (senhora), *soldadu-feto* (mulher-soldado) (Hull e Eccles 2005: 23)

- (ii) outros nomes têm possibilidade de referenciar ambos os sexos, pelo que o contraste de sexos é dado pelos vocábulos *mane* para o masculino e *feto* para o feminino, (38).

(38) *labarik mane/labarik feto* (menino/menina)

Com nomes de animais, há igualmente dois grupos:

- (i) nomes que referenciam seres do sexo masculino (39) e para o feminino acrescenta-se *inan* (40).

(39) *kuda* (cavalo)

² A tradução dos exemplos para tétum é de Luís Costa.

género, como propriedade morfológica ou como fenómenos sintático, desencadeando concordância, seja característica do Tétum.

(43) kantór / kantora

(44) tiu/tia

(45) sobriñu/ sobriña

Em (43) o contraste de sexo é marcado, à semelhança da marcação de género em PE, pelo contraste de índice temático, Ø para o masculino e –a para o feminino. O contraste de índice temático está também presente nos pares de palavras em (44) e (45), sendo o masculino marcado com –u e o feminino com –a. Mas todos estes exemplos testemunham casos de importação ou empréstimo, pelo que não devem ser considerados como ilustrativos do processo de alternância de tema no Tétum, nem da existência de um género que não o biológico.

(46) aman/inan (pai/mãe)

(47) mane/feto (homem/mulher)

(48) klosan/fetorá (o jovem/a jovem)

Os pares de palavras em (46), (47) e (48) ilustram uma oposição de género biológico de seres com base num processo analítico, com diferentes radicais. Neste caso, não podemos afirmar que estamos perante uma importação do Português, pois estas palavras são completamente estranhas ao léxico desta língua. Perante estes exemplos, temos de admitir que o contraste de género biológico pode também realizar-se por lexemas diferentes.

2.3. *O adjetivo em Português e em Tétum*

No domínio do adjetivo, em PE, a variação em género não é obrigatória. Por um lado, porque os contrastes de género são lexicalmente condicionados, podendo ou não variar a forma⁴, (49) e (50) (Villalva 2000: 219), por outro, porque o adjetivo não tem um género inerente, adquirindo o género do nome que acompanha: “O substantivo tem sempre um género, o que não sucede com o adjectivo, que assume o género do substantivo” (Cunha & Cintra 1984: 253).

⁴ A passagem do Latim para o Português levou a algumas assistemáticas nos contrastes de género nos adjetivos. Nunes (1919, 1975: 224), citado por Villalva (2000), considera que a existência de adjetivos uniformes é uma consequência do desaparecimento do valor neutro. Mais acrescenta que adjetivos da primeira declinação latina (com formas específicas para o masculino, o feminino e o neutro) passaram igualmente a uniformes (*contente e firme*) e adjetivos com apenas uma forma passaram a dispor de duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino (*lavrador/ lavradora; português/portuguesa*).

- (49) leve
(50) novo/nova (Villalva 2000: 219)

Os contrastes que se verificam não são realizados de forma sistemática. Esta assistemática do género nos adjetivos leva a que se registem no léxico adjetivos invariáveis e adjetivos variáveis. Nos adjetivos variáveis, podem ocorrer diversos processos: o masculino realizado por formas de tema –o (51); tema Ø (52); ou por palavras atemáticas (53); o feminino sempre realizado por formas de tema em –a (54).

- (51) alto
(52) apresentador
(53) bom
(54) alta, apresentadora, boa

De notar que as formas invariáveis podem ser de tema em –a (*careca*), tema Ø (*leve*) ou atemáticos (*simples*).

Em Tétum, os adjetivos, “tal como os substantivos, são invariáveis em género e número.” (Costa 2001: 24). Vejam-se os exemplos (55) e (56).

- | | |
|--|--------------------------------------|
| (55) a) Aman lori oan mane ba iskola
modok. ⁵ | O pai leva o filho à escola amarela. |
| b) Aman lori oan mane ba uma kafé
modok. | O pai leva o filho ao café amarelo. |
| (56) a) Labarik mane aas bá iskola. | O menino alto vai à escola. |
| b) Labarik feto aas bá iskola. | A menina alta vai à escola. |
| (57) a) Liurai katuas laran luak . | O rei idoso é bondoso. |
| b) Liurai (feto) ferik laran luak . | A rainha idosa é bondosa. |

Os adjetivos **modok** (amarelo) (55) e **aas** (alto) (56) não sofrem qualquer modificação, contrariamente ao que ocorre em Português, que concordam com o nome que qualificam. Em (57), o adjetivo em posição predicativa, **luak**, é igualmente uma forma invariável. No entanto, os adjetivos em posição atributiva, **katuas/ ferik**⁶, representam respetivamente **idoso e idosa**, o

⁵ A tradução para Tétum, salvo referência em contrário, foi gentilmente realizada por Luís Costa.

⁶ *Katuas* e *ferik* só podem adjetivar nomes que designam seres humanos ou animais. Quando “velho” qualifica coisas é *tuan* (*Karreta tuan, o carro velho*). (Hull & Eccles 2005: 22)

que revela especificação lexical para marcar o género biológico dos seres caracterizados, sendo opcional a marca de feminino no nome (**feto**).

Embora o conceito de género gramatical esteja ausente na língua Tétum, existem empréstimos portugueses que mantêm a variação (58).

(58) advogadu amerikanu ida fábrica amerikana ida	um advogado americano uma fábrica americana
mapa polítiku Ázia nian nia karreira política	o mapa político da Ásia a sua carreira política
ezersísiu proveitozu ida atividade proveitoza ida	um exercício proveitoso uma atividade proveitosa
konsuladu portugés embaixada portugeza	o consulado português a embaixada portuguesa

(Hull & Eccles 2005: 156)

Como em português, têm ainda contraste de género as palavras **obrigadu** e **obrigadiñu**, diminutivo coloquial (cf. Hull & Eccles 2005). No entanto, a concordância em género é muitas vezes ignorada, como em (59).

- (59) Há'u lee revista **brazileiru** ida. (Hull & Eccles 2005: 157)
[Eu li revista brasileira uma.]
Eu li uma revista brasileira.

3 - Considerações finais

Em jeito de conclusão, podemos referir que o género em Português é uma categoria morfológica, lexical e morfossintática, marcada por diversos processos (não sendo, em caso algum, por flexão nominal), sendo que todos os nomes têm um género que permite a concordância das palavras nas frases e nos sintagmas. Desta maneira, a marcação do género nos nomes é obrigatória e, no seu tratamento, deve-se ter presente a não correlação das noções de género e sexo e a variação ou não das formas nominais. Em Tétum, e segundo a reflexão descritiva realizada neste artigo, o género parece não ser uma categoria morfossintática e mostra estar correlacionado com a noção de sexo, sendo que apenas é marcado no caso dos nomes referenciarem seres animados (humanos e animais). Nos restantes nomes, não há variação de

género. Os adjetivos são igualmente invariáveis quanto ao género, o que não acontece no Português, que variam, quando a forma o permite, segundo as propriedades do nome.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, D. B. 2011. O Português de Timor Leste: contributos para o estudo de uma variedade emergente. *PAPLA 21* (1), p.65-82.
- Albuquerque, D. B. 2010a. Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor Leste, Domínios de lingu@gem, revista electrónica de linguística, Ano 4, nº 1, 1º semestre. Disponível em: www.dominiosdelingagem.org.br. Acedido em agosto de 2011.
- Albuquerque, D. B. 2010b. O ensino de Língua Portuguesa em Timor Leste: variedades e dificuldades. *Interdisciplinar*, Ano 5, v. 12, jul-dez de 2010.
- Botelho, J. M. 2004. O género imanente do substantivo no português. Rio de Janeiro: Botelho.
- Câmara JR., J. M. 1969. Problemas de Linguística Descritiva. Petrópolis: Vozes.
- Câmara JR., J. M. 1970. Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis: Vozes.
- Câmara JR., J. M. 1985. Dicionário de linguística e gramática. 12ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Carvalho, José H. 1967, 1984. Teoria da Linguagem. 4.ª reimpressão. Coimbra: Coimbra Editora.
- Costa, J. A. e Choupina, C.M. 2011. A história e as histórias do género nos nomes em português. Percursos diacrónicos, sincrónicos e pedagógicos. II Encontro Internacional do Ensino do Português, Coimbra | Fevereiro/2011. Material da comunicação oral.
- Costa, L. 2001. Guia de Conversação Português-Tétum. Lisboa: Edições Colibri.
- Corbett, G. 1991. Gender. Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa, J. 2007. ?Conhecimento gramatical à saída do ensino secundário, estado actual e consequências na relação com leitura, escrita e oralidade?. In Actas da Conferência Internacional sobre o Ensino do Português. Lisboa: ME e DGIDC.
- Cunha, C. e Cintra, L. 1984. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- De La Grasserie, R. 1898. La Catégorie Psychologique de la Classification Revelée par le Language. *Revue Philosophique de la France et de L'étranger* 45 : 594-624.
- Hockett, C. F. 1958. A course in modern linguistics. New York: Macmillan.
- Huber, Joseph. 1933, 2006. Gramática do Português Antigo. 2.ª edição portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lucchesi, D. 2003. A categoria gramatical do género: universais, mudança e crioulização. In Razões e Emoções. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol.I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.429-450.
- Luft, C. P. 1987. Moderna Gramática Brasileira. 8ª ed. Rio de Janeiro:[s/ed.].
- Nunes, J. J. 1919, 1975. Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. 8ª edição. Lisboa: Livraria clássica.
- Villalva, A. 2000. Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: FCG/FCT.
- Villalva, A. 2003. Estrutura morfológica básica. In MATEUS, Maria Helena M. et alii. Gramática da Língua Portuguesa. 5.ª edição. Lisboa: Caminho.